

ECONOMIA

Economia - Brasil

Um pé no freio, outro no acelerador

Empresas suspendem a produção no curto prazo, mas mantêm metas de investimentos

Flávia Oliveira e Marcelo Rehder

RIO e SÃO PAULO

A economia brasileira pisou fundo no freio quando se deparou com o sinal vermelho do aumento dos juros. Mas está se preparando para acelerar, assim que a luz verde acender. Desde que a Rússia se espantou numa crise financeira que se estendeu ao Brasil, as empresas nacionais vêm se desdobrando para adequar a produção à queda da demanda. Férias coletivas, redução de jornada de trabalho e de salários, corte de despesas, adiamento de investimentos. Vale tudo para sobreviver à inevitável desaceleração dos próximos meses. Mas sem perder de vista os projetos de investimento no médio e longo prazos.

Os setores mais dependentes do crédito, como o automobilístico e o de bens duráveis, foram os que sentiram mais violentamente o impacto do desaquecimento da economia. Com 120 mil carros em estoque, as principais montadoras do país — Fiat, Ford, General Motors e Volkswagen — já deram início à temporada de férias coletivas e interrupção na produção. Mais de 46 mil automóveis deixarão de ser fabricados até o dia 16 de outubro. A fábrica da Fiat, em Betim (MG), estará fechada terça e quarta-feira. Quando reabrir, a produção diária será de 1.800 carros contra 2.300 há um ano. Não houve programa de demissões, mas os 1.300 empregados que deixaram a empresa nos últimos 12 meses não foram substituídos.

A crise afeta também os fabricantes de autopeças, que enfrentam cancelamento de até 30% nos pedidos. Para evitar demissões, as empresas optaram por uma solução negociada: redução de jornada e de salários. A Semeraro diminuiu em 25% a carga horária e em 20% a remuneração de seus 450 funcionários por seis meses. A Heral, fábrica de parafusos de Santo André, no ABC paulista, fez acordo semelhante com seus cem funcionários. Já a Metal Leve (2.500 empregados) estuda a concessão de férias coletivas ou licença remunerada.

Os investimentos, contudo, estão mantidos, garante José Pinheiro Neto, presidente da Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea). O setor promete gastar US\$ 20 bilhões entre os anos de 1996 e 1999. A Fiat está construindo em Sete Lagoas (MG) uma fábrica de US\$ 500 milhões, que estará pronta no fim do próximo ano. Quantia idêntica será investida na ampliação da unidade de Betim.

Geraldo Thomaz Rinaldi, vice-presidente do Sindicato Nacional das Indústrias de Autopeças (Sindipeças), diz que o setor mantém a previsão de investir US\$ 9 bilhões até o ano que vem. Mas admite algum atraso nos planos originais de desembolso. Situação semelhante vive a Companhia Vale do Rio Doce: a usina de pelotização de minério, no Maranhão, que estaria pronta em um ano e meio, só entrará em funcionamento em dois anos e meio. Mas o investimento de US\$ 438 milhões está confirmado.

Setor siderúrgico pretende investir US\$ 7 bilhões até o ano 2000

O setor siderúrgico, que entre 1996 e 2000 planeja investir US\$ 7 bilhões para aumentar a produção, também está reduzindo o ritmo no curto prazo — resultado da queda no preço do aço no mercado externo e da contração da indústria de automóveis. O Instituto Brasileiro de Siderurgia (IBS) reviu as projeções de resultado para o ano: o faturamento deve cair de US\$ 11,8 bilhões em 1997 para US\$ 11 bilhões.

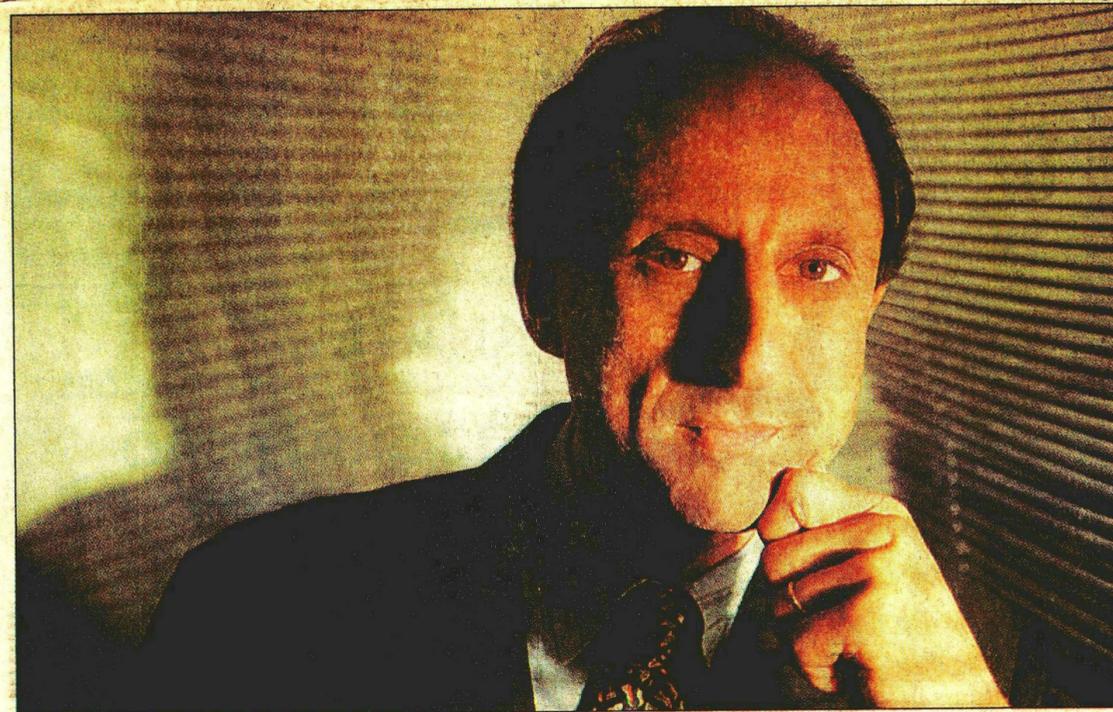
— Não há como a produção não sentir o efeito do novo aumento dos juros. Os indicadores de agosto ainda indicam crescimento, mas a desaceleração deve ser forte até o fim do ano. É difícil prever o que vai acontecer em 1999, mas se as taxas caírem logo, é possível que a economia comece a se recuperar no segundo trimestre — diz o economista Cláudio Considersa, do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea).

Por conta do repique nos juros, o Ipea reze suas projeções para o Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro em 1998. Já não se espera mais crescimento de 2%. O avanço será de, no máximo, 1% no ano, o que já caracteriza recessão. Como a população cresce 1,4% ao ano, o avanço de 1% no PIB implicaria redução da renda per capita nacional. Brasileiros mais pobres consomem



GABRIEL HABIB, diretor da rede de lojas de brinquedos que leva o seu nome: mudança de planos depois da queda de 20% nas vendas

José Luiz da Conceição



PAULO SKAF, da Associação Brasileira da Indústria Têxtil: "Não é hora de planejar nada. Primeiro, temos de esperar a poeira baixar"

menos. Por isso, o comércio também revê suas previsões de faturamento. Tradicional rede de lojas de brinquedos do Rio, a Gabriel Habib fez as encomendas para o Dia da Criança há poucas semanas. As compras para o Natal ainda estão sendo decididas. Gabriel Habib, diretor da empresa, diz que a queda de 20% nas vendas este ano está forçando a mudança de planos. Com cinco lojas no Rio, a GH já demitiu 15% de seus funcionários. Os planos de expansão em shoppings foram engavetados.

— Não é hora de planejar nada. Primeiro, temos de esperar a poeira baixar. Depois disso, será possível reavaliar os planos — afirma Paulo Skaf, presidente da Associação Brasileira da Indústria Têxtil (Abit).

O setor têxtil esperava repetir o resultado de 1997, quando faturou US\$ 37 bilhões no país. Agora, a previsão é de queda de 5%. Skaf acredita que a melhor alternativa para driblar a retração na demanda interna é a exportação. No ano passado, as vendas externas ficaram em US\$ 1,2 bilhão. O resultado vem se repetindo desde o início dos anos 80 e equivale a 0,4% do comércio global no setor têxtil, de US\$ 320 bilhões. Na indústria fluminense, há expecta-

tiva de queda de até 4% nas vendas este ano. O economista Fernando Rocha, da Federação das Indústrias do Rio (Firjan), afirma que os empresários confirmam os investimentos planejados para os próximos anos. Ao todo, o estado deve receber US\$ 30 bilhões até o ano 2000.

— A médio e longo prazos, a confiança se mantém. As privatizações, por exemplo, continuam sendo realizadas, com participação de estrangeiros. Não há perspectiva de terra arrasada — afirma Rocha.

Usimeca recorre a banco de horas para evitar demissões

O terreno tampouco parece fértil para as indústrias de eletroeletrônicos. Antes da alta dos juros, a previsão de vendas de televisores já tinha caído de 7,3 milhões de unidades em 97 para cerca de seis milhões este ano. Agora, já se fala em cinco milhões de aparelhos vendidos, num parque industrial com capacidade para produzir até 16 milhões.

Afonso Brandão Hennel, presidente do Conselho de Administração da Semp-Toshiba, diz que a prioridade das empresas será buscar mais ganhos de produtividade e reduzir custos. A meta das empresas do setor é de um corte de

30% nas despesas em 1999. A Philips (líder de mercado, com 19% das vendas de TVs no país) admite rever os planos de expansão na linha de monitores de computador, que parecia imune à turbulência. A idéia inicial era elevar, já em 98, a produção em São José dos Campos (SP) de 350 mil para 550 mil monitores por ano e chegar a 630 mil em 99.

Por isso, o Sindicato dos Metalúrgicos da Zona Franca de Manaus, onde se concentram as fábricas de eletroeletrônicos, teme que o acordo para manutenção dos empregos, assinado com o Governo do Amazonas, não seja renovado. A garantia, que beneficia cerca de 40 mil trabalhadores, acaba em outubro.

No Rio, o empresário César Moreira, dono da Usimeca, fabricante de caçambas para caminhões de lixo, usou o banco de horas como saída para evitar demissões. Na última quinta-feira, a fábrica foi reaberta depois de férias coletivas de 15 dias. A produção, que já chegou a 50 unidades por dia, está em 15. Quando voltar a crescer, os trabalhadores vão compensar as horas paradas. ■

• SETOR DE TELECOMUNICAÇÕES IGNORA MÁS NOTÍCIAS E PRETENDE INVESTIR R\$ 15 BI na página 34

OS AJUSTES PROMOVIDOS PELA ECONOMIA REAL

- **ARMCO:** A fábrica de autopeças propôs redução de 20% na jornada e de 10% nos salários.
- **BORLEM:** A fabricante de rodas para carros dará férias coletivas.
- **CECRISA:** A fabricante de revestimentos cerâmicos vai reduzir, por um mês, o ritmo da produção de duas de suas cinco fábricas.
- **CONCESSIONÁRIAS DE VEÍCULOS:** As vendas chegaram a cair 50%. Agora, as revendedoras estão oferecendo descontos de até 15% em carros novos e usados.
- **FIAT:** Deu férias coletivas para 2.500 funcionários do turno da madrugada. Vai fazer paralisação escalonada da produção por quatro dias, em que deixará de produzir seis mil veículos.
- **FORD:** Férias coletivas de amanhã até 10 de outubro. Nove mil carros não serão produzidos.
- **GABRIEL HABIB:** A rede de lojas de brinquedos postergou a compra de mercadorias para o Dia da Criança e ainda não fez as encomendas para o Natal. Enfrenta queda de 20% nas vendas e já demitiu 15% dos funcionários.
- **GENERAL MOTORS:** Está em férias coletivas até 16 de outubro. Vai deixar de fabricar 9.600 automóveis.

• **HERAL:** Fabricante de parafusos, fechou acordo com cem funcionários para redução de até 25% na jornada e nos salários.

• **PHILIPS E SEMP-TOSHIBA:** Suspendem planos de ampliação de produção, mas mantiveram os investimentos em novas tecnologias e o lançamento de produtos.

• **PIAL:** A fabricante de interruptores e tomadas concedeu licença remunerada a 74 funcionários.

• **ROLAMENTOS FAG:** Mantém 60 de seus 850 funcionários em casa, recebendo salários. A jornada será compensada mais tarde.

• **SEMERARO:** Os 450 funcionários aceitaram redução de 25% na jornada e de 20% nos salários, até 31 de janeiro de 1999.

• **SENDAS:** A terceira maior rede de supermercados do país adiou para novembro as compras de produtos nacionais para o Natal e reduziu o volume de encomendas dos importados.

• **SIDERURGIA:** O faturamento do setor deve cair 7% no ano, em consequência da queda na produção de carros e da redução do preço do aço no mercado externo.

• **TEXACO:** A empresa não vai alterar seus planos de investir US\$ 2 bilhões nos próximos cinco anos.

• **USIMECA:** A fabricante de caçambas para lixo deu férias coletivas de 15 dias a seus 250 funcionários. Não havia novos investimentos programados para 1998.

• **VALE DO RIO DOCE:** Os contratos assinados no ano passado foram mantidos e começam a ser renegociados em novembro. Está alongando o prazo de seus investimentos em produção.

• **VAREJO DE ELETRODOMÉSTICOS:** Está estimulando as vendas à vista, depois que o aumento dos juros reduziu as vendas em 20%.

• **VOLKS:** Férias coletivas de amanhã até 7 de outubro para 20 mil funcionários. Deixará de produzir 15 mil carros.